

Gramaticalização e discursivização da partícula “aí” sob a lupa da teoria funcionalista

Izabel Luiz Santos Colling*
Márcio Leonardo Lima Pereira**

Resumo

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Neste contexto, este estudo busca discorrer sobre o processo de gramaticalização da partícula “aí”, classificada como um advérbio de lugar numa visão sistêmica e tradicional de língua, mas que passa a exercer, em determinados contextos de uso, outra função gramatical. Para orientar a discussão aqui proposta, mobilizamos os conceitos de gramaticalização e discursivização, bem como conceitos da Teoria Funcionalista e, a partir desse campo teórico, tomaremos como corpus de análise um fragmento do episódio #251 do Podcast “Pod Delas”. Assim, através deste estudo, observa-se que a partícula “aí” passa pelo processo de gramaticalização. Ademais, a fim de ampliar esta análise, propõe-se refletir se o uso desta partícula pode ser compreendido, também, como um processo de discursivização, tendo em vista que a trajetória desse processo ocorre do léxico para o discurso via gramática e, então, o termo assume função de marcador discursivo. A discussão realizada neste ensaio permite inferir que, em determinados contextos, a partícula “aí” pode ser gramaticalizada e discursivizada.

Palavras-chave: funcionalismo; gramaticalização; discursivização; partícula “aí”.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela PUC Minas. Bolsista CAPES I.

** Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela PUC Minas. Bolsista CAPES II.

Grammaticalization and discursivization of the particle 'aí' under the lens of functionalist theory

Abstract

The functionalist approach seeks to explain the observed regularities in the interactive use of language by analyzing the discursive conditions in which this usage occurs. In this context, this study aims to expound upon the grammaticalization process of the particle “aí,” traditionally classified as an adverb of place in a systemic view of language, but which assumes another grammatical function in specific usage contexts. To guide the proposed discussion, we employ the concepts of grammaticalization and discursivization, as well as principles from Functional Theory. Within this theoretical framework, we analyze a fragment from episode #251 of the podcast ‘Pod Delas’ as our corpus. Through this study, it is observed that the particle “aí” undergoes the process of grammaticalization. Furthermore, to broaden this analysis, we propose contemplating whether the use of this particle can also be understood as a process of discursivization. This consideration arises from the fact that the trajectory of this process unfolds from lexicon to discourse via grammar, and the term then assumes the function of a discursive marker. The discussion presented in this essay allows for the inference that, in specific contexts, the particle “aí” can undergo both grammaticalization and discursivization.

Keywords: functionalism; grammaticalization; discursivization; particle “aí”.

A língua é viva. É maleável. A língua se move, se embaralha, se refaz, se transforma, se adapta. E o que é a língua sem o sujeito para colocá-la em uso? Em todas as atividades de manifestação de uma língua (sejam orais, sejam escritas), sujeitos interagem em determinados contextos e a utilizam para se comunicarem. Ao interagirmos socialmente por meio da língua, é inevitável que a tornemos viva e, conseqüentemente, em movimento.

Neste ensaio, propomo-nos debruçar sobre os conceitos de gramaticalização e discursivização sob a lente da teoria funcionalista dos estudos linguísticos, tomando como análise o uso da partícula “aí” em um fragmento do episódio #251 do podcast “Pod Delas” (2023). Conforme Cunha (2011, p. 157), para compreender efetivamente os processos linguísticos faz-se necessário “[...] explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Dessa forma, valemo-nos da análise de um contexto de situação real de comunicação para discorrer sobre o processo de gramaticalização da partícula “aí”, que é classificada como um advérbio de lugar numa visão sistêmica e tradicional de língua. No entanto, observaremos que essa partícula pode passar a exercer, em alguns contextos de uso, uma outra função, sobre a qual discorreremos neste ensaio.

Antes de tomarmos como reflexão as concepções teóricas sobre gramaticalização e discursivização, que serão centrais neste ensaio, acreditamos ser importante sintetizar três correntes teóricas, sendo elas: i) Estruturalismo; ii) Gerativismo; e iii) Funcionalismo. Mas por que trazer o Estruturalismo e o Gerativismo, tendo em vista que a proposta deste ensaio é trabalhar sob a lupa da perspectiva funcionalista?

Acreditamos ser fundamental a compreensão das lacunas deixadas por teorias, pois elas colaboram para que outras existam e/ou se atualizem no campo dos estudos linguísticos. Sendo assim, retomaremos a seguir, essas três correntes teóricas que estão na base dos estudos linguísticos contemporâneos, das quais apontaremos as concepções de “língua”, “linguagem” e “gramática” com que trabalham cada uma delas. À guisa de compreensão do caminho que tomaremos neste ensaio, apontamos de que modo este se estruturará. Primeiramente, abordaremos sobre o Estruturalismo. Posteriormente, sobre o Gerativismo. Sobre esta segunda, cabe ressaltar que suas divergências são fundamentais que devem ser colocadas em pauta, uma vez que a corrente do Funcionalismo desenvolve-se enquanto uma

reação ao Gerativismo. Após este breve caminho teórico por vertentes que antecederam ao Funcionalismo, apresentaremos a corrente funcionalista propriamente dita e trabalharemos com as concepções de gramaticalização e discursivização da partícula “aí”. Postas as questões teóricas, por fim, desenvolveremos a análise do *corpus*. A seguir, apontamos as correntes linguísticas e suas teorias.

As teorias linguísticas contemporâneas tomam fôlego com as discussões apresentadas pelo estruturalista suíço Ferdinand de Saussure. Para Saussure (2012), a língua é um sistema abstrato e estruturado de signos linguísticos que são compartilhados por uma comunidade de falantes. Segundo Costa (2011), Saussure considerava a língua como uma entidade coletiva e estável, que existe independentemente dos indivíduos. Portanto, o indivíduo não teria nenhum poder de transformação da língua. A partir da corrente estruturalista de Saussure, outras correntes se desenvolvem. Dentre elas, o gerativismo e o funcionalismo, que serão abordadas a seguir.

O Gerativismo origina-se nos anos 50 e tem como principal teórico o americano Noam Chomsky. Segundo Kenedy (2011), a teoria de Chomsky é baseada na ideia central de que a linguagem é inata ao homem e que a faculdade da linguagem é geneticamente transmitida entre os seres humanos, tornando-os capazes de desenvolverem a língua mesmo sob a pobreza de estímulos através do “[...] uso infinito de meios finitos [...]” (Chomsky, 2005, p. 33). Sendo assim, para esta corrente, a língua é compreendida enquanto um componente interno do cérebro/mente (Língua-I). Os gerativistas pensam e analisam a concepção de língua enquanto um processo interno e individual. A gramática, por sua vez, é compreendida considerando que os seres humanos são naturalmente aptos para desenvolvê-la (ou adquiri-la) por possuírem a faculdade da linguagem. Segundo Lyons (1987, p. 178),

[...] a versão de Chomsky de gramática universal tem os mesmos pressupostos que versões anteriores têm a respeito da universalidade da lógica tradicional e sobre a interdependência da linguagem e do pensamento. É sua opinião, no entanto, que o estudo empírico da linguagem tem mais contribuições a fazer para a filosofia da mente do que a lógica tradicional e a filosofia da linguagem para a lingüística. Isto faz uma diferença profunda na maneira pela qual a argumentação é conduzida, mesmo quando o assunto em discussão é reconhecidamente tradicional, por exemplo, se a faculdade da linguagem é ou não inata.

Os funcionalistas, por outro lado, preocupam-se em pensar e analisar o social enquanto contexto concreto do ato comunicativo, argumentando que a língua evolui para atender às necessidades comunicativas dos falantes. Sobre a corrente funcionalista, Cunha (2011, p. 157) aponta que “[...] seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa [...] a motivação para os fatos da língua”. Assim, para os adeptos dessa escola linguística, a situação extralinguística (experiência humana) é um princípio fundamental para compreender a língua, a gramática e seus usos.

Por conceber o caráter dinâmico do funcionamento das línguas, o Funcionalismo percebe a gramática como maleável, ou seja, adaptativa às necessidades comunicativas e cognitivas dos seus falantes. Conforme Furtado da Cunha (2013, p.164),

[...] considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica em reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. Nesse sentido, a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional.

Diante disso, podemos entender o processo de gramaticalização, através do Funcionalismo, como um fenômeno que se dá a partir das necessidades de se refazer que as gramáticas de todas as línguas apresentam.

Na concepção de Mussalim e Bentes (2009), a própria corrente funcionalista defende seu olhar particular para o fenômeno da linguagem, ao vê-la enquanto um instrumento de comunicação e interação social. Por esse motivo, concebe seu objeto de estudo baseado no uso real do processo de comunicação. Ora, nesse aspecto, a corrente funcionalista estabelece uma oposição tanto ao estruturalismo saussureano - e sua separação de estudos entre *langue* e *parole* —, quanto ao gerativismo chomskyano — e sua distinção para o olhar entre competência e desempenho.

Com o intuito de sintetizar as concepções que serão tomadas neste ensaio, ilustramos, no quadro abaixo, as noções de língua, linguagem e gramática assumidas pela teoria funcionalista:

Quadro 1:

Concepção de língua, linguagem e gramática segundo o Funcionalismo

Língua	Linguagem	Gramática
A língua evolui para atender às necessidades comunicativas dos falantes.	A linguagem é concebida como um instrumento de interação social.	A gramática é maleável, adaptativa às necessidades dos falantes.

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Nessa seara, é mister compreender como estão sendo desenvolvidos os estudos funcionalistas a partir de um panorama brasileiro. Eles ganharam destaque na década de 1980. Como grande influência, têm-se discussões e publicações desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado pelo professor Sebastião Votre em 1992. Anteriormente, em 1978, Votre tem publicada sua tese de Doutorado, na qual desenvolve um estudo sobre variação e mudança semântica e morfossintática na fala e na escrita da comunidade linguística carioca. Ademais, seguiu desenvolvendo trabalhos relevantes sob a perspectiva da linha funcionalista, muitos desses desenvolvidos em conjunto com o linguista Mário Eduardo Martelotta. Os resultados de pesquisas e estudos de ambos autores serão tomados (também) como base de referência, uma vez que reúnem trabalhos sobre os fenômenos sobre os quais nos debruçamos: a gramaticalização e a discursivização no português do Brasil.

Adentrando-nos ao conceito de gramaticalização, Cunha (2011, p. 173) afirma que este conceito “[...] designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. A gramaticalização trata-se, nesta seara teórica, de um processo que “[...] leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas.” (Martelotta, Votre e Cezario, 1996, p. 12).

Ainda sobre a concepção de gramaticalização, Neves (1997, p. 115) define o termo enquanto “[...] o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Desse modo compreendemos, à luz da teoria funcionalista, que o movimento de gramaticalizar se opõe a qualquer concepção fixa com que se conceba à gramática, pois assume que os falantes utilizam itens lexicais e construções sintáticas de maneira nova, assumindo outras funções gramaticais. Acreditamos ser considerável apontar, também, a consideração feita por Sweetser (1988, p. 389), em que descreve que

[...] a gramaticalização não pressupõe o desaparecimento de outras unidades anteriores, nem mesmo de significados mais primitivos. As motivações para a gramaticalização, portanto, não se resumem apenas ao aparecimento de novas formas linguísticas, mas também às necessidades comunicativas e cognitivas ainda não satisfeitas a partir de material linguístico já existente. Afinal, ao lado de perdas, há também ganhos em termos semântico-pragmáticos, muitas vezes sem mudança observável na forma.

Postas essas definições, podemos inferir que discurso e gramática se retroalimentam em uma relação simbiótica de forma que “[...] o discurso precisa dos padrões da gramática para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando-se para se adaptar às novas situações de interação”. (Martelotta, 2011, p. 63).

No intuito de ampliar a discussão sob a perspectiva da Teoria Funcional, tratamos aqui de um outro processo de mudança linguística paralelo à gramaticalização: a discursivização. Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), este processo pode assumir dois mecanismos: o da metáfora e o da metonímia. Na análise do corpus deste ensaio, o leitor observará a presença da metonímia que consiste em uma “[...] motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto”. (Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p. 42). Martelotta (1996) assume que esse processo faz com que o elemento linguístico perca suas restrições gramaticais e assumam restrições de cunho pragmático e interativo. Em outras palavras, a discursivização trata de elementos que não são necessários para a organização interna da estrutura

gramatical da frase, mas, sim, de elementos que estão envolvidos em funções pragmáticas em torno da gramática. Na literatura, esses elementos recebem, entre outros termos, o nome de marcadores discursivos e são verbalizados a fim de preencher o vazio causado no processamento de alguma informação, ou seja, na quebra da linearidade informativa.

Embora com raros trabalhos contemporâneos dedicados ao tema, Martelotta (1996) traz à baila esse processo introduzindo o termo discursivização em oposição ao termo pós-gramaticalização. Ainda, de encontro com as posições dos autores anteriores, Vicent, Votre e Laforest (1993) sugerem que há um processo posterior ao da gramaticalização, mas que, segundo os autores, tal processo nem sempre ocorre. Tendo isso em vista, a seguir assumimos somente o trabalho analítico da “discursivização”, compreendendo que ele se adequa ao processo linguístico que é pressuposto enquanto ocorrente da partícula “aí”, da qual tomaremos como análise neste trabalho a partir do corpus a seguir.

O termo “aí” é frequentemente empregado na oralidade dos brasileiros, seja para identificação espacial, seja temporal ou até mesmo em momentos de hesitação. Segundo Tavares (2003, p. 159), o termo provém da palavra “i” (hi/hy) do português arcaico, datado mais ou menos do século XIII que, por sua vez, origina da palavra latina “ibi” que já apresentava sentidos distintos como “nesse lugar, nesse momento”. Ou seja, a palavra já apresentava anteriormente significados associados a lugar e tempo.

Tavares (2003) traz ainda que estava presente há muito tempo e persiste atualmente a peculiaridade dêitica dessa palavra, isto é, caracteriza-se como um elemento responsável por uma conexão entre a situação e o que é dito. A autora ainda comprova que o “aí” passa por estágios do processo de gramaticalização, sendo também utilizado para realizar referências anafóricas locativas e temporais.

No excerto que selecionamos para exemplificar o uso da partícula “aí” por meio de uma situação real de comunicação, seis meninas dialogam em um episódio de podcast. O “Pod Delas” é um espaço de conversa comandado por Boo Unzueta e Tata Estaniecki. A veiculação acontece de diversas maneiras: através de áudios na plataforma Spotify, áudio e vídeo no Youtube e publicações de fragmentos dos episódios via Instagram e TikTok. É, portanto, um destes fragmentos que utilizamos para a nossa análise. A seguir, com o intuito de possibilitar uma melhor visualização e

compreensão do contexto e modo de uso das falas que serão tomadas para exemplificação, trouxemos um fragmento da transcrição do vídeo:

Quadro 2:

Transcrição do fragmento do episódio #251 Podcast “Pod Delas” (2023)

F1: deixa eu contar o presente que o Felipe me deu ano passado, gente... no meu aniversário... Eu fico muito enchendo o saco pra ele tipo ah... o que você vai me dar de presente e tals... cara... o filha da mãe... você ficou sabendo dessa história?

F2: lógico... ele pediu pra mim as caixa

F1: ele pediu uma caixa para uma amiga... aí eu eu aqui oh... pra uma amiga minha... uma caixa tipo de alguma... loja de marca assim... de... de grife. É... e aí uma amiga me emprestou uma caixa da Louis Vuitton

F2: emprestou pra ele.

F1: emprestou pra ele... e ele tipo... quando eu cheguei do pod... era dia 18 pro dia 19... alguma coisa assim... eu cheguei... ele tava... fez um jantar romântico, colocou a caixa com um laço... e eu assim... era da Louis Vuitton assim...eu...

F3: já agradece antes de abrir, né?

F1: aí ele... eu nem vi o celular que tava gravando tudo. Ele tem todo esse vídeo... aí eu fui abrindo a caixa falei gente não, não é possível... ele todo assim oh... fui abrir... era óleo essencial...

[[

F: você nunca postou esse vídeo? pelo amor de Deus...

F: [incompreensível]

F1: óleo essencial...

[...]

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Tomando como suporte o campo da Teoria Funcionalista, é salutar recuperar que seu interesse de investigação linguística extrapola a questão da estrutura gramatical, procurando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua (Neves, 2004). Nesse sentido, Martelotta (1996) contribui com a discussão ao tratar do uso potencial da língua, sendo ela uma estratégia que um falante utiliza para organizar seu texto em determinada situação de comunicação. A partir dessas contribuições, vamos observar o uso do termo “aí” nos seguintes enunciados:

(01) “ele pediu uma caixa para uma amiga... aí eu eu aqui oh...”

(02) “e aí uma amiga me emprestou uma caixa da Louis Vuitton”

(03) “aí ele... eu nem vi o celular que tava gravando tudo. Ele tem todo esse vídeo... aí eu fui abrindo a caixa falei gente não, não é possível...”

Neste momento do episódio do podcast, a falante denominada “F1” conta a história do presente de aniversário que ganhou de seu namorado. Neste diálogo, que dura cerca de 1min10seg, a partícula “aí” é empregada quatro vezes.

A gramática normativa (visão sistêmica e tradicional da língua) define que o termo “aí” é um advérbio com valor dêitico espacial, fazendo referência a algo que não se encontra perto do falante, mas, sim, do ouvinte, como por exemplo: “Minhas chaves não estão aqui, mas, sim, *aí*”. Neste exemplo, podemos observar o caráter dêitico do termo. No entanto, em nenhum momento a partícula “aí” é empregada com valor dêitico na fala que trouxemos para análise. Assim, compreendemos que o termo “aí” assume uma nova função que é referente a uma organização interna do discurso: a de sequencializar eventos perfectivos. Segundo Neves (2014, p. 4)

Ao atuar com a função de sequenciador retroativo-propulsor, ele organiza o discurso: unindo informações subsequentes e introduzindo efeito, concomitantemente ou não, pois essas relações de sequência temporal e introdução de efeitos estão muito próximas. Essas funções tornam-se tão próximas já que uma função não necessariamente exclui a outra, ocorrendo (co)incidência entre a consequência temporal e a consequência lógica.

Em (01) e (03), a falante introduz a partícula “aí” para sequencializar um fato novo a partir de outro já finalizado, ou seja, o “aí” introduz uma ação posterior a outra já finalizada. Fica claro que o termo em questão usado com valor temporal é derivado do “aí” que outrora é usado com valor espacial, o que nos permite concluir que estamos diante de um fenômeno de gramaticalização.

A proposta de reflexão aqui posta é que a partícula “aí” também passa por um outro processo de mudança linguística além de gramaticalização: o de discursivização. E para que possamos esclarecer essa tese, apontamos o que Silva (2013) afirma em sua dissertação de mestrado, na qual buscou identificar que o uso da partícula “aí” apresenta “[...] distintos graus de instrução, no que se refere aos processos de gramaticalização e discursivização eventualmente sofridos pelo item em questão” (Silva, 2013, p. 1). Os excertos em que se pode observar esse fenômeno são:

(04) “Não, eu sou daqui mesmo que eu moro aqui e já existia *aí* eu vim participar já que eu não tive a oportunidade quando eu era jovem”.

(05) “Eu fui criada na roça, *aí* meu pai não deixava a gente estudar não... era pra trabalhar somente..”

Nos trechos (04) e (05), o termo “aí” pode ser facilmente substituído pelo termo “por isso” sem que haja mudança de sentido. Para Martelotta (1996), a trajetória do processo de discursivização ocorre do léxico para o discurso via gramática e, então, o termo assume função de marcador discursivo, ou seja, a ordem do processo de mudança ocorre na seguinte sequência: i) léxico; ii) gramática e iii) discurso.

Percebe-se que o comportamento da partícula “aí” no corpus de análise está inserido em um contexto de fala natural e espontânea, da qual pode-se observar tanto a presença de um distinto comportamento sintático gramaticalmente esperado, quanto de outra acepção semântico-pragmática do propósito discursivo pré-estabelecido normativamente. Isso ocorre conforme discorrem Pereira e Oliveira (2011) ao assumirem que há estruturas que são pré-fabricadas por serem resultantes de convenções sociais.

A guisa de conclusão, provocamos a seguinte reflexão: uma vez que a partícula “aí”, no presente *corpus* de análise, perde a função lexical

e gramatical, ficando à serviço da organização das ideias e funcionando como marcador de discurso, poderia ser considerada, também, enquanto resultado do processo de discursivização?

Sabendo que os estudos sobre discursivização são relativamente recentes, sobretudo referindo-se juntamente com o processo de gramaticalização, propomos, a partir desse ensaio, instigar a possibilidade de estudos futuros sobre os processos de mudanças linguísticas contemporâneas no Brasil e no mundo, para que a ciência da linguagem possa caminhar levando em conta que a língua é viva e está em constante processo de mudança e evolução. Sendo assim, cabe aos linguistas fomentar discussões científicas que contribuam com a tarefa de analisar e compreender a linguagem, a língua e a gramática enquanto mutáveis e adaptativas às situações comunicacionais.

Referências

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: UNESP, 2005.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 207p.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127-140.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; ALC NTARA, F. Discursivização da partícula né?. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009. 270 p.

NEVES, Maria Helena M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena M. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A.; HORA, Dermeval; SILVA, Camilo R. (org.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

PEREIRA, Edvaldo dos Santos; OLIVEIRA, Joseane Moreira. *Gramaticalização do item aí: uma abordagem multifuncional*. In: XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. XV, n. 5, t. 2, p. 1833-1844, 2011.

POD DELAS. Rio de Janeiro, 25 fev. 2023. Instagram: @poddelas. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpGZke-gnLQ/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>. Acesso em: 2 de jul. de 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Hugo Henrique Barbosa da. *O processo de gramaticalização de e, aí, mas, assim e então em falantes de distintos graus de instrução*. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SWEETSER, E. *Grammaticalization and Semantic Bleaching*. Berkeley Linguistics Society, Berkeley, n. 14, 1988, p. 389-405.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

VINCENT, Dane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. *Grammaticalisation et post grammaticalisation. Langues et Linguistique*, n. 19, Quebec, Université Laval, 1993.

VOTRE, Sebastião; NARO, Anthony J. *Mecanismos funcionais do uso da língua*. D.E.L.T.A, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. 1978. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.